

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

FOLHA.com19 DE FEVEREIRO DE 2012 - 18:47 SP
VEJA O TEMPO EM MAIS CIDADES

RIO

**CLASSIFICADOS**
VEÍCULOS
IMÓVEIS
EMPREGOS
NEGÓCIOSNEWS IN
ENGLISHNOTÍCIAS
EN ESPAÑOLNOTÍCIAS PODER MUNDO MERCADO COTIDIANO ESPORTE ILUSTRADA F5 CIÊNCIA TEC **FOLHA DE HOJE** **FOLHA DIGITAL** **ASSINE A FOLHA**

AMBIENTE BICHOS BLOGS CELEBRIDADES COLUNISTAS COMIDA EQUILÍBRIO E SAÚDE FOLHATEEN FOLHINHA ILUSTRÍSSIMA REVISTA SÃO PAULO SABER TURISMO

HORÓSCOPO TRÂNSITO FOLHAINVEST INDICADORES GUIA E-MAIL FOLHA ASSINANTES ERRAMOS **TV FOLHA** **FOTO** **RÁDIO FOLHA** **ACERVO FOLHA**

colunistas

A A Maior | Menor Enviar por e-mail Comunicar erros Link



kennedy alencar

18/02/2012 - 17h31

Dilma e as mulheres

Recomendar Confirmar +1 0

Um eventual segundo mandato da presidente Dilma Rousseff terá a chance de reabrir em termos mais sensatos o debate sobre a ampliação do direito ao aborto no Brasil. Se a presidente chegar a 2014 com um cacife perto do que Lula tinha em 2010, há pessoas no governo que acreditam na possibilidade de desinterdição desse debate.

Na última disputa eleitoral, a petista Dilma Rousseff dependeu bastante dos votos conservadores para derrotar o tucano José Serra. Ainda havia Marina da Silva, então no PV, com um discurso adorado por uma fatia conservadora e religiosa do eleitorado. Não havia outra saída para vencer. Mas isso poderá mudar.

Se a economia se mantiver no caminho do crescimento, ainda que num patamar mais próximo de 3% do que 4% ao ano, haverá condição política para brigas que, pessoalmente, ninguém dúvida que a presidente gostaria de comprar.

Desemprego em baixa, salários em alta, juros menores e algum fôlego para investimentos públicos em infraestrutura dariam a Dilma um escudo político para enfrentar amarras do conservadorismo partidário que sustenta seu governo no

as últimas que você não leu

1. O jogo dos acasos
2. Samba e patriotismo
3. Os Carnavais do Tarlis
4. Insegurança estrutural
5. Contraste chocante
6. Correção de rota
7. Carnavais
8. Reorganização ainda não é ação regular entre empresas
9. A agonia do cartola
10. Os homens se fantasiam com patações

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

PUBLICIDADE

CURSOS
ON-LINE

Congresso.

Hoje, o governo alega que a discussão do aborto é problema da sociedade, na qual todos os segmentos devem ter direito de expressar suas opiniões, e do Congresso, onde tramitam propostas de ampliação da possibilidade de interrupção da gravidez. Esse argumento é pura enrolação. Desde o governo Lula, o Palácio do Planalto encontrou uma forma de comprar tempo e jogar o problema para o outro lado da praça dos Três Poderes.

Compreende-se que não seja a hora de Dilma travar essa batalha devido à absoluta falta de condições objetivas para uma vitória. Mas se espera que, em algum momento de sua Presidência, a primeira mulher a comandar o Brasil faça algo nesse sentido.

A nomeação de Eleonora Menicucci para a Secretaria Especial das Mulheres é um avanço tático, apesar de ela estar sob fogo cerrado neste momento e, portanto, tomar um cuidado inteligente com as palavras. Sua indicação foi um bom sinal para os defensores de políticas públicas voltadas para mulheres e LGBTs.

Temos um Estado laico. É dever desse Estado tratar a ampliação do direito ao aborto como uma questão de saúde pública porque ela envolve um interesse difuso da sociedade.

Os dados estão aí, como registrou Fernando Rodrigues numa excelente coluna na **Folha** no sábado de Carnaval (18/02). O chamado aborto de risco, aquele feito em condições inadequadas que ameaça tirar a vida da mulher, é a quarta maior causa de mortes maternas no país e a quinta razão para internações no SUS (Sistema Único de Saúde).

É correto que todas as religiões possam se manifestar livremente para persuadir mulheres a não abortar. Se houver uma mudança na legislação que amplie o direito à interrupção da gravidez, será preciso que a mulher ainda adote uma decisão individual, dolorosa, moral e, para muitos, religiosa. Tomada essa decisão, o SUS deve ampará-la.

Também é correto que todas as religiões se mobilizem para tentar evitar que o Congresso altere a lei. Faz parte do jogo democrático. Mas os verdadeiros líderes políticos devem tomar decisões impopulares e pouco compreendidas no seu tempo. Em 2010, Dilma se rendeu a um debate hipócrita, surpreendentemente estimulado por políticos supostamente iluministas. Tomara que surja a oportunidade de uma discussão em termos mais racionais. A presidente deve isso ao país e à sua própria biografia.



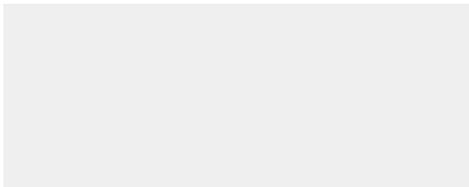
CAMPO MINADO

Há um desejo da presidente Dilma Rousseff de blindar postos da área econômica em relação a indicações políticas. É grande a chance de mudanças significativas em breve.

A presidente fará bem ao aumentar a cota de técnicos numa seara tão estratégica. Mas convém não deixar que falsos carimbos políticos sejam usados para demitir bons técnicos.



Kennedy Alencar escreve na **Folha.com** às sextas. Na rádio CBN, é titular da coluna "A Política Como Ela É", no "Jornal da CBN", às 8h55 de terças e quintas. Na RedeTV!, apresenta o "É Notícia", programa dominical de entrevista, e o "Tema Quente", atração diária com debate sobre



Inglês

DW-WORLD.DE
DEUTSCHE WELLE



Alemão

1922: A
Semana
que Não
Terminou



Conheça o evento
que mudou a arte
brasileira.

De: 49,00
Por: 39,00

Carimbo!

folhashop



Auto DVD Player
A partir de 12x de R\$
16,66. Confira!



GPS
Aproveite! A partir de
12x de R\$ 12,49



Relógios
Diversos modelos, a
partir de R\$ 42



iPod
A partir de 6x de R\$
34,35. Confira!



Home Theater
A partir de R\$ 99.
Compre já o seu!